

Organizadoras do Volume
Mariangela Rios de Oliveira
Victoria Wilson

Organizadores da Coleção
Leonardo Mendes
Maria Cristina Ribas
Andréa Rodrigues
Norma Lima

DISCURSO E GRAMÁTICA

entrelaces e perspectivas

Coleção
PPLIN PRESENTE

Vol. 1

 CAPES



 PPLIN | PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LETRAS E LINGUÍSTICA

Mariangela Rios de Oliveira
Victoria Wilson
(Organizadoras)

DISCURSO E GRAMÁTICA:
entrelaces e perspectivas

Coleção PPLIN PRESENTE – Volume 1

Editora CRV
Curitiba – Brasil
2022

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Designers da Editora CRV
Ilustração da Capa: Lesyaskripak/Freepik
Revisão: Os Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecária responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

D611

Discurso e gramática: entrelaces e perspectivas / Mariangela Rios de Oliveira, Victoria Wilson (organizadoras) – Curitiba : CRV, 2022.
278 p. (Coleção PPLIN PRESENTE – Volume 1).

Bibliografia

ISBN Coleção Digital 978-65-251-2350-9

ISBN Volume Digital 978-65-251-2353-0

DOI 10.24824/978652512352.3

1. Linguística 2. Discurso 3. Gramática 4. Língua portuguesa 5. Ensino de línguas I. Oliveira, Mariangela Rios de. org. II. Wilson, Victoria. org. III. Título IV. Série.

CDU 81

CDD 415

Índice para catálogo sistemático
1. Linguística – 410

ESTA OBRA TAMBÉM SE ENCONTRA DISPONÍVEL EM FORMATO DIGITAL.
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2022

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004
Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV
Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV
Tel.: (41) 3039-6418 – E-mail: sac@editoracrv.com.br
Conheça os nossos lançamentos: www.editoracrv.com.br

Conselho Editorial: Comitê Científico:

Aldira Guimarães Duarte Domínguez (UNB)	Afonso Cláudio Figueiredo (UFRJ)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)	Andre Acastro Egg (UNESPAR)
Anselmo Alencar Colares (UFOPA)	Andrea Aparecida Cavinato (USP)
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)	Atilio Butturi (UFSC)
Carlos Alberto Vilar Estêvão (UMINHO – PT)	Carlos Antônio Magalhães Guedelha (UFAM)
Carlos Federico Dominguez Avila (Unieuro)	Daniel de Mello Ferraz (UFES)
Carmen Tereza Velanga (UNIR)	Deneval Siqueira de Azevedo Filho (Fairfield University, FU, Estados Unidos)
Celso Conti (UFSCar)	Jane Borges (UFSCAR)
Cesar Gerónimo Tello (Univer .Nacional Trés de Febrero – Argentina)	Janina Moquillaza Sanchez (UNICHRISTUS)
Eduardo Fernandes Barbosa (UFMG)	João Carlos de Souza Ribeiro (UFAC)
Elíone Maria Nogueira Diogenes (UFAL)	Joezer de Souza Mendonça (PUC-PR)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)	José Davison (IFPE)
Élsio José Corá (UFS)	José Nunes Fernandes (UNIRIO)
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)	Luís Rodolfo Cabral (IFMA)
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)	Patrícia Araújo Vieira (UFC)
Gloria Fariñas León (Universidade de La Havana – Cuba)	Rafael Mario Iorio Filho (ESTÁCIO/RJ)
Guillermo Arias Beatón (Universidade de La Havana – Cuba)	Renata Fonseca Lima da Fonte (UNICAP)
Helmuth Krüger (UCP)	Sebastião Marques Cardoso (UERN)
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)	Simone Tiemi Hashiguti (UFU)
João Adalberto Campato Junior (UNESP)	Valdecy de Oliveira Pontes (UFC)
Josania Portela (UFPI)	Vanise Gomes de Medeiros (UFF)
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)	Zenaide Dias Teixeira (UEG)
Lidia de Oliveira Xavier (UNIEURO)	
Lourdes Helena da Silva (UFV)	
Marcelo Paixão (UFRJ e UTexas – US)	
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)	
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)	
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)	
Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL-MG)	
Renato Francisco dos Santos Paula (UFG)	
Rodrigo Pratte-Santos (UFES)	
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)	
Simone Rodrigues Pinto (UNB)	
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)	
Sydione Santos (UEPG)	
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)	
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)	

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.



**Lista de pareceristas do comitê
científico/editorial da obra:**

Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jácome

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira

Cristina dos Santos Carvalho

Gilson Costa Freire

Gysele da Silva Colombo Gomes

Maria Teresa Tedesco Vilaro Abreu

Manoel Luiz Correa

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

Regina Souza Gomes

Rosane Santos Mauro Monnerat

Táisa Peres de Oliveira

Valéria Campos Muniz

Coleção PPLIN PRESENTE

Tempos passados à distância, planeta em transe, corpos e mentes em choque, sensibilidades atordoadas. Entre telas e janelas, como tocar, abraçar, chegar ao outro? Qual é o papel da Universidade e das Letras no meio dessa balbúrdia?

Estendemos o olhar para além dos muros acadêmicos, no intuito de compartilhar saberes, pesquisas, experiências, acolher novos olhares, perguntas, corpora, silêncios, dizeres e reflexões, em espaços e temporalidades múltiplas.

Nesse espírito, apresentamos a Coleção de livros eletrônicos produzida Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, campus de São Gonçalo, com a participação de docentes e discentes, em parceria com pesquisadores nacionais e internacionais. Pesquisa de ponta produzida por um jovem Programa de Pós-graduação situado no Leste fluminense.

Chamamos a Coleção PPLIN PRESENTE, para marcar a presença do Programa como polo produtor de inovação e conhecimento nas áreas de Estudos Linguísticos e Estudos Literários, e, ao mesmo tempo, assinalar o engajamento das pesquisas aqui compartilhadas com as demandas e os desafios do tempo presente.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
DISCURSO E GRAMÁTICA: entrelaces e perspectivas.....	13
NOSSA ENTREVISTADA.....	21
CONCEPÇÕES DE GRAMÁTICA DE ALUNOS EM LETRAS: desafios para a formação docente.....	35
<i>Natália Sathler Sigiliano</i>	
<i>Tânia Guedes Magalhães</i>	
QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO DA DISCIPLINA GRAMÁTICA: estudos tradicionais e normativos	58
LÍNGUA PORTUGUESA NA BNCC: interseções em um debate sobre educação.....	61
<i>Denise Brasil Alvarenga Aguiar</i>	
POR UMA GRAMÁTICA DISCURSIVA: contribuições da Semiótica ao ensino.....	89
<i>Lucia Teixeira de Siqueira e Oliveira</i>	
<i>Silvia Maria de Sousa</i>	
GRAMÁTICA EMERGENTE E ENSINO: algumas contribuições da Linguística Funcional Centrada no Uso.....	111
<i>Ivo da Costa do Rosário</i>	
<i>Monclar Guimarães Lopes</i>	
“NÃO TOMAR PARTIDO É TOMAR PARTIDO”: chunks e ensino de língua portuguesa.....	137
<i>Edvaldo Balduino Bispo</i>	
<i>Maria Angélica Furtado da Cunha</i>	
RELAÇÃO DE COMPARAÇÃO: descrição e proposta de ensino	159
<i>Violeta Virgínia Rodrigues</i>	
PRÁTICAS LINGUÍSTICAS E GRAMÁTICAS EMERGENTES.....	187
<i>Cristine Görski Severo</i>	
<i>Edair Maria Görski</i>	

GÊNERO TEXTUAL ENTREVISTA E ANÁFORAS ENCAPSULADORAS: abordagem didática na educação básica	201
<i>Leonor Werneck dos Santos</i> <i>Dennis da Silva Castanheira</i>	
COMO AS CRIANÇAS APRENDEM A ESCREVER: a heterogeneidade da escrita nos textos infantis	225
<i>Natalia Pinagé Ribeiro</i> <i>Cecília Maria Aldigueri Goulart</i>	
“CHEGOU OS INGRESSES”: quando a norma (dita) não-culta ↔ tradicional gramática portuguesa	249
<i>Ricardo Joseh Lima</i>	
ÍNDICE REMISSIVO	273
SOBRE AS ORGANIZADORAS	277

PRÁTICAS LINGUÍSTICAS E GRAMÁTICAS EMERGENTES

*Cristine Görski Severo*⁶²

*Edair Maria Görski*⁶³

Introdução

Neste capítulo buscamos aproximar duas visões de língua, uma orientada pela concepção de língua como prática social em diálogo com perspectivas social e integracionista, e outra pela concepção funcionalista cognitivo-comunicativa de língua centrada na noção de gramáticas emergentes. Acreditamos que essa articulação é relevante, especialmente se considerarmos o contexto educacional de ensino de língua, pois ela busca integrar significados sociais, identitários e estilísticos aos usos linguísticos. Ambas as perspectivas convergem no sentido de que a língua é produto de práticas sociais que são temporal e espacialmente contextualizadas nas práticas comunicativas e engajadas dos sujeitos. Se, por um lado, a abordagem teórica das práticas linguísticas nos possibilita construir uma vinculação com uma perspectiva social e integracionista, por outro lado, a noção de gramáticas emergentes nos direciona para um olhar funcionalista sobre a dinâmica de como a língua-gramática se molda e se atualiza. Uma aproximação teórica entre essas dimensões – social e cognitivo-comunicativa – é central para se compreender a complexidade do modo como a língua e a gramática se (re)configuram a partir dos usos linguísticos.

Assim, neste capítulo, ao tecer uma articulação entre a língua como prática e a gramática como realidade dinâmica e emergente, atentamos para os seguintes elementos: (i) relação entre a dinâmica social e o conceito de prática; (ii) papel dos sujeitos tanto na reiteração de práticas comunicativas, como na inovação; (iii) língua e gramática entendidas como constituídas na prática social; (iv) relação entre significados sociais, identitários, estilísticos e funcionais e as formas linguísticas; (v) concepção de gramática em diálogo com noções de diversidade e de dinamismo, o que implica considerar que sentidos de pluralidade perpassam todos os níveis/camadas envolvidos na gramática.

62 Doutorado em Curso de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Associada III da Universidade Federal de Santa Catarina.

63 Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta IV – Aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina.

O capítulo se estrutura nas seguintes seções: iniciamos com uma discussão sobre língua como prática social em diálogo com perspectivas social e integracionista; na sequência, esboçamos uma concepção funcionalista multinível e multidimensional de gramática emergente de práticas discursivas/comunicativas; por fim, refletimos sobre a importância de uma visão integrada de língua e gramática, com algumas implicações para a esfera educacional.

Integrando práticas sociais, sujeitos e língua

Assumimos uma perspectiva plástica, móvel e plural de língua, integrada nas práticas sociais e comunicativas dos sujeitos. Evitamos, assim, uma concepção engessada e abstrata de língua – e de gramática – a fim de considerar, radicalmente, o papel dos usos linguísticos como reguladores do funcionamento da língua. Abordamos nesta seção a concepção de língua a partir de dois aspectos: (i) língua como prática social e local (SEVERO, 2019; ZAVALA, 2018; CANAGARAJAH, 2013; PENNYCOOK, 2010; 2021); (ii) a natureza integrada dos elementos e atividades que regulam e orientam as práticas comunicativas e, portanto, as línguas (HARRIS, 1998; HARRIS; WOLF, 1998; DUNCKER, 2017; PABLÉ, 2021).

A língua tomada como prática social e local implica considerá-la uma forma de ação situada, o que significa que ela não é um ente anterior e abstrato à prática comunicativa, mas um produto “das atividades profundamente sociais e culturais nas quais as pessoas se envolvem” (PENNYCOOK, 2010, p. 1)⁶⁴. Ademais, diferente de uma visão abstrata de “línguas em contexto”, trata-se de considerar as línguas como produto de práticas comunicativas local e temporalmente situadas, nas quais os sujeitos se engajam. O significado de local implica uma relação simbólica dos sujeitos com as práticas concretas, que não são isoladas ou fragmentadas, mas operam em ressonância com outras práticas no mundo: “o uso da língua integra a interação multifacetada entre os humanos e o mundo” (PENNYCOOK, 2010, p. 2)⁶⁵. As práticas, diferente das estruturas, regulam, orientam e definem – através do uso da linguagem – o modo de funcionamento social. Isso significa que os sujeitos agem no mundo através da língua e, portanto, não são assujeitados a uma estrutura – social e linguística – anterior a eles, embora sejam afetados pelos significados históricos e sociais mais amplos compartilhados culturalmente. Desse modo, ao invés de uma estrutura social anterior, reconhecemos que as práticas sociais e locais – organizadas temporal e espacialmente e nas quais os

64 No original: “of the deeply social and cultural activities in which people engage”. Traduções de nossa responsabilidade.

65 No original: “language use is part of a multifaceted interplay between humans and the world”.

sujeitos atuam – são as instâncias onde tanto a reprodução como a novidade surgem (GIDDENS, 2004).

Assim, as línguas não são vistas como um sistema cognitivo prévio, mas como práticas dinâmicas nas quais e com as quais os sujeitos se engajam para produzir e interpretar significados nos diferentes contextos (ZAVALA, 2018; CANAGARAJAH, 2013; PENNYCOOK, 2010; FAIRCLOUGH, 1992). Ao focarmos língua como prática, as noções abstratas de língua-estrutura e língua-sistema são problematizadas. Ao problematizarmos visões formais de língua, buscamos uma orientação dinâmica de gramática na qual o signo linguístico não seja visto como entidade anterior às práticas comunicativas, mas como “sujeito às exigências de comunicação” (HOPPER, 1998, p. 156)⁶⁶. As gramáticas, portanto, não orientem a concepção de língua, mas as práticas de linguagem é que orientam a visão dinâmica de gramática. Se, por um lado, estamos diante da contingência das práticas de linguagem (HARRIS, 1998) – sempre situadas local e temporalmente –, por outro lado, os sujeitos acumulam experiências compartilhadas de comunicação, abrindo espaço para usos linguísticos reiterados e sedimentados por essas mesmas práticas. Assumimos, pois, que as práticas comunicativas, tomadas como práticas sociais e locais, tanto recobrem eventos que carregam memórias coletivamente construídas, como abrem espaço para a singularidade e a novidade.

A natureza situada e contingente da prática de linguagem sinaliza para seu caráter indeterminado, no qual os signos – em termos de forma e significado – não são realidade estáticas, autônomas e cristalizadas. Esse caráter fluido da linguagem foi abordado, por Harris (1998), a partir da noção de indeterminação radical, em que a língua (gramática, sentido e signo) está em contínuo processo de mudança e ajuste, uma vez que a língua é produzida no aqui-e- agora da prática comunicativa:

a indeterminação serve melhor aos propósitos humanos do que a determinação [...] Um signo linguístico não é uma forma fixa com um significado fixo, em que ambos permanecem magicamente invariáveis em todos os episódios comunicacionais nos quais o signo é usado. Pelo contrário, o que constitui um signo não é independente da situação em que ocorre ou da sua manifestação material nessa situação (HARRIS; WOLF, 1998, p. 24)⁶⁷.

66 No original: “subject to the exigencies of communication”.

67 No original: “indeterminacy serves human purposes better than determinacy [...] A linguistic sign is not a fixed form with a fixed meaning, both of which remain magically invariant across all the communicational episodes in which the sign is used. On the contrary, what constitutes a sign is not independent of the situation in which it occurs or of its material manifestation in that situation”.

Ao evitarmos uma concepção abstrata de língua, buscamos reconhecer a sua dimensão contextualizada e situada nas vidas sociais dos sujeitos. As línguas existem em relação às práticas comunicativas desses sujeitos, as quais são reguladas e afetadas por três elementos interligados de maneira escalar: um nível biomecânico, outro circunstancial e um terceiro macrosocial (HARRIS, 1998). Enquanto o primeiro se vincula às atividades neurofisiológicas, cognitivas e psicológicas dos indivíduos, o segundo se articula ao contexto situado da prática comunicativa dos sujeitos; já o terceiro diz respeito às práticas compartilhadas pelos sujeitos em comunidades e grupos, carregando significados culturais e históricos mais amplos que, nem sempre, são evidentes aos sujeitos (HARRIS, 1998; DUNCKER, 2017; PABLÉ, 2021). Neste capítulo, dialogamos com uma concepção integracionista de língua, ao acatarmos a maneira como esses níveis – perpassados por uma série de signos linguísticos e não linguísticos – estão integrados à prática comunicativa:

O termo ‘integracionista’ pretende aludir ao fato de que na vida real, como todos sabemos, a experiência não é nitidamente compartimentada em linguística e não linguística. Os dois estão integrados. As palavras não são separadas das situações: elas fazem parte das situações, tanto social quanto psicologicamente. Além disso, sem essa integração essencial, não poderíamos aprender uma língua e, tampouco, funcionar de forma eficiente como usuários de linguagem (HARRIS; WORLF, 1998, p. 44)⁶⁸.

Essa perspectiva integracionista de língua, ao considerar a relação mútua entre os diferentes níveis que regulam, orientam e restringem os usos linguísticos, reconhece que o fenômeno linguístico não é uma realidade abstrata e autônoma, mas orientado por práticas comunicativas que inscrevem os sujeitos no processo contínuo e ativo de produção, negociação e recepção de sentidos. Os sujeitos importam na medida em que a ordenação das práticas sociais – pela repetição e/ou novidade – é afetada pela reflexividade dos agentes, entendida como “o caráter monitorado do fluxo contínuo da vida social” (GIDDENS, 2004, p. 3).

Tal concepção de língua implica considerar que gramática, vocabulário, pronúncia e significação não são entes independentes e compartimentalizados (HARRIS, 1998), mas elementos que se afetam mutuamente, estando, igualmente, sujeitos às práticas comunicativas que operam de maneira circunstancial e macrosocialmente contextualizada. Para essa abordagem, é

68 No original: “The term ‘integrational’ is intended to allude to the fact that in real life, as we all know, experience is not neatly compartmentalized into the linguistic and the non-linguistic. The two are integrated. Words are not separate from situations: they are part of the situations, both socially and psychologically. Furthermore, without that essential integration, we could neither learn a language, nor function efficiently as language-users”.

fundamental uma concepção mais alargada de contexto, que leve em conta tanto os significados sociais e culturais historicamente construídos, como o modo como os sujeitos atualizam esses significados em suas práticas locais. Assim, a contextualização das práticas de linguagem é central, pois os signos linguísticos não existem de maneira abstrata e independente. Nessa perspectiva, “a única determinação a priori que um signo tem é a determinação contextual, sendo que os contextos são abertos”⁶⁹ (HARRIS, 1998, p. 119).

No plano da significação, reconhecemos que nas práticas comunicativas uma série de significados são indexados e iconizados (JAFFE, 2016) aos usos linguísticos, o que inclui desde sentidos históricos mais amplos, até significados identitários grupais e individuais locais. Nesse rol de significados que incidem sobre os usos linguísticos, é importante atentar para a maneira como certos usos, que passam a veicular/indexar determinados significados sociais, se tornam ideologicamente naturalizados/iconizados, apagando as motivações que levaram a certas iconizações ou indexações e não a outras (JAFFE, 2016; GAL; IRVINE, 2000). A maneira como significados sociais, identitários e estilísticos são indexados aos usos linguísticos deve ser vista a partir de uma perspectiva contextual que considere, também, a visão dos sujeitos, afinal: “um determinado signo (uma variável sociolinguística) pode ser interpretado por alguns atores sociais como tendo uma relação essencial, natural, ‘dada’ com, por exemplo, um tipo social, e por outros como indexando identidades sociais de uma forma menos determinística” (JAFFE, 2016, p. 87)⁷⁰. Isso significa que a perspectiva dos sujeitos – falantes, leigos, agentes, envolvidos, implicados – importa no processo comunicativo.

Uma concepção de língua que seja sensível ao modo como os sujeitos se engajam em suas práticas de linguagem é fundamental para a concepção de comunicação que adotamos aqui, uma vez que a “[a] comunicação começa a partir da noção do agente criador de signos ativo. É um processo ativo, independentemente de quem está desempenhando o papel de falante, ouvinte, leitor ou escritor” (PABLÉ, 2021, p. 8-9)⁷¹. Em outras palavras, a língua não é um sistema abstrato e autônomo, mas algo que construímos/fazemos nas nossas práticas situadas: “A língua é algo que fazemos” (DUNCKER, 2017, p. 148)⁷². Reiteramos que não se trata de sujeitos individualizados, mas de práticas comunicativas que ocorrem na relação dialógica com outros sujeitos,

69 No original: “[...] the only a priori determinacy a sign has is contextual determinacy, and contexts are open-ended”.

70 No original: “a given sign (a sociolinguistic variable) may be interpreted by some social actors as having an essential, natural, “given” relationship with, for example, a social type, and by others as indexing social identities in a less deterministic way”.

71 No original: “Communication starts from the notion of the active sign-making agent. It is an active process, irrespective of who is playing the role of speaker, listener, reader or writer”.

72 No original: “Language is something that we do”.

afinal, “[a] fala é performatizada sempre em um contexto de adaptação aos outros” (HOPPER, 1998, p. 161)⁷³; daí a importância do nível circunstancial para as práticas de linguagem. Veremos, na sequência, como essa concepção integracionista de língua converge com uma concepção funcionalista de gramática e como ambas dialogam com a perspectiva de políticas linguísticas que adotamos neste capítulo.

Uma concepção funcionalista de gramática: emergente, multinível e multidimensional

A perspectiva funcionalista acionada neste capítulo ancora-se em Hopper (1998), Givón (2001, 2018), Hopper e Traugott (2003), Traugott (2003, 2010), Bybee (2006, 2010), entre outros autores. Nessa ótica, a língua – compreendida como um sistema adaptativo complexo que exhibe uma grande quantidade de variação e gradiência – desempenha duas funções principais com motivações cognitivo-pragmáticas: de representação mental e de comunicação do conhecimento/experiência (GIVÓN, 2001; 2018; BYBEE, 2010); e funções metacomunicativas, como a de coesão sociocultural, que sinaliza a união e a identidade do grupo, e a função afetiva/interpessoal, que expressa diferentes tipos de relação entre os membros do grupo (GIVÓN, 1993). Essas funções têm papel significativo na configuração da gramática, vista de modo dinâmico como um balanço constante entre estrutura e função.

Descarta-se, assim, uma visão cristalizada e estática de gramática, cuja existência seria anterior aos eventos comunicativos, e abre-se espaço para o conceito de gramática emergente, que se baseia na visão de que os signos e as gramáticas são provisórios e dependentes dos contextos imediatos de uso: “A gramática tem a mesma propriedade provisória e dependente do contexto que o signo. Uma abordagem da gramática que adota esse postulado é conhecida como *Gramática Emergente*” (HOPPER, 1998, p. 157, grifo no original)⁷⁴.

A gramática, nessa perspectiva funcionalista, codifica, articuladamente, os níveis da semântica proposicional e da pragmática discursiva, tendo escopo “predominantemente sobre as relações de coerência entre a proposição (oração) e o contexto comunicativo mais amplo, seja o texto corrente, seja a situação de fala face a face e, nesta última, a interação falante-ouvinte” (GIVÓN, 2018, p. 35)⁷⁵. Traugott reforça essa concepção ao afirmar:

73 No original: “Speech is performed always in a context of adjustment to others”.

74 No original: “Grammar has the same provisional and context-dependent property as the sign. An approach to grammar that adopts this postulate is referred to as *Emergent Grammar*”.

75 No original: “[...] predominantly about the coherence relations between the proposition (clause) and the wider communicative context, be it the current text, the face-to-face speech situation and, within the latter, the speaker-hearer interaction”.

A gramática abrange fonologia, morfossintaxe e semântica funcional da verdade, e é rica o suficiente para licenciar a interação com as habilidades cognitivas gerais, como as que estão envolvidas na negociação falante-ouvinte que dá origem à gramaticalização. Essas incluem processamento de informações, gerenciamento de discurso e outras habilidades centrais à pragmática linguística de focalização, topicalização, dêixis e coerência discursiva (TRAUGOTT, 2003, p. 626)⁷⁶.

Tem-se, portanto, que a gramática envolve além do nível estritamente estrutural,

também o nível semântico-pragmático do discurso multiproposicional contextualizado, o que caracteriza uma significativa expansão de sua propriedade multinível circunscrita à sentença.

Nessa concepção dinâmica de gramática, os elementos

não são modelos fixos, mas emergem da interação face a face de modo a refletirem a experiência anterior dos falantes com tais formas e sua avaliação do contexto corrente, incluindo especialmente seus interlocutores, cujas experiências e avaliações podem ser bastante diferentes⁷⁷ (HOPPER, 1998, p. 156).

Um novo componente entra em campo na citação acima: o caráter relativamente duradouro da experiência estocada na memória e o caráter contingencial da situação comunicativa que inclui a postura avaliativa dos interlocutores, ou seja, a visão dos sujeitos. Desse modo, ganha relevo a par da dimensão subjetiva da linguagem, também a dimensão intersubjetiva. A dimensão intersubjetiva alcança não só o contexto pragmático da situação de interlocução, mas também um contexto cultural compartilhado mais amplo (associado a um conhecimento de mundo genérico); e também um contexto linguístico multiproposicional, já que a construção do texto/discurso leva em conta o outro (GIVÓN, 2002).

É transitando pelo(s) contexto(s) acima descrito(s) que se circunscvem velhos e novos usos linguísticos. A dinâmica da emergência e difusão de usos pode ser descrita nos seguintes termos, com base em Traugott (2010):

76 No original: "Grammar encompasses phonology, morphosyntax, and truth-functional semantics, and is rich enough to license interaction with the general cognitive abilities such as are involved in the speaker-addressee negotiation that gives rise to grammaticalization. These include information processing, discourse management, and other abilities central to the linguistic pragmatics of focusing, topicalization, deixis, and discourse coherence".

77 No original: "are not fixed templates but emerge out of face-to-face interaction in ways that reflect the individual speakers' past experience of these forms, and their assessment of the present context, including especially their interlocutors, whose experiences and assessments may be quite diferente".

o ponto de partida para uma inovação se dá na interação falante-ouvinte mediante interpretação de significados subjetivos induzida por implicaturas conversacionais, ou inferências sugeridas (mecanismo pragmático); uma vez que se tornam salientas, essas implicaturas se difundem num grupo ou comunidade (mecanismo social) e se convencionalizam por reanálise semântica (mecanismo interno) (GÖRSKI; VALLE, inédito).

Esse caráter dinâmico está diretamente ligado à noção de gramaticalização, entendida como “a mudança pela qual itens lexicais e construções passam em certos contextos a desempenhar funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 232)⁷⁸. Nessa ótica, a mudança é vista como um fenômeno social, sendo motivada por práticas discursivas, nas quais os falantes se engajam com propósitos sociais específicos (TRAUGOTT, 2002) e negociam significados. É nesse jogo discursivo que uma inovação que é produzida expressivamente pode ter sua frequência de uso aumentada gradualmente, ou seja, rotinizada, “entre os tipos, estilos e gêneros linguísticos, bem como entre os falantes” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 232)⁷⁹. Esse espraiamento gradual de usos para diferentes contextos, criando novas funções gramaticais (que envolvem mudanças semântico-pragmáticas e categoriais), está associado a um dos parâmetros de gramaticalização propostos por Heine e Kuteva (2007) – a extensão –, que tem a ver com ganhos semântico-pragmáticos e com a multifuncionalidade dos itens, dimensão contemplada na chamada gramaticalização como expansão, em contraste com a gramaticalização como redução, que é relacionada a perdas (TRAUGOTT, 2010).

Um dos princípios associados ao processo de gramaticalização é o da estratificação (HOPPER, 1991), segundo o qual novas camadas/formas estão continuamente emergindo dentro de um domínio funcional (uma função comunicativa), sem que as camadas mais antigas sejam necessariamente descartadas. A correlação entre formas e funções e seus deslizamentos ao longo do tempo podem levar à multifuncionalidade (uma forma e mais de uma função) ou à variação (mais de uma forma e uma função). Em outras palavras, o deslizamento funcional se dá interdomínios e a variação entre as formas se dá intradomínio funcional. Tanto o domínio funcional como as camadas que o constituem distribuem-se num *continuum* multidimensional e, a depender do foco da lente do analista, o domínio funcional considerado vai ser mais abrangente (macrodomínio) ou mais restrito (microdomínio). A

78 No original: “the change whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions”.

79 No original: “the frequency with which the new structure is used increases gradually across linguistic types, styles and genres, and speakers”.

ideia de multicamadas evoca uma relação hierárquica e escalar, em que os diferentes níveis de função/significação envolvidos se intersectam e interagem, podendo se sobrepor integral ou parcialmente (GÖRSKI; TAVARES, 2017). E é justamente esse jogo de relações que caracteriza o que estamos considerando como o caráter multidimensional da gramática.⁸⁰

Reiteramos, portanto, que na abordagem funcionalista aqui revisitada consideramos a noção de gramática emergente – que abriga mudanças por gramaticalização e variação; de gramática multinível – que envolve os níveis morfossintático e semântico-pragmático-discursivo, ampliando o escopo para além dos limites da sentença; e de gramática multidimensional – que contempla não só a dimensão linguística, mas também a dimensão cognitivo-comunicativa.

Palavras finais

Neste capítulo, esboçamos uma articulação entre os conceitos de língua como prática social e uma visão funcionalista de gramática. Compreendemos que as práticas de linguagem (i) são afetadas por três elementos interligados de maneira escalar: um nível biomecânico, outro circunstancial e um terceiro macrosocial (HARRIS, 1998); (ii) tanto recobrem eventos que carregam memórias coletivamente construídas, como abrem espaço para a singularidade e a novidade; (iii) envolvem certos usos que passam a indexar determinados significados sociais e estilísticos, tornando-se ideologicamente iconizados e apagando, por vezes, as motivações iniciais (JAFFE, 2016; GAL; IRVINE, 2000); e (iv) devem ser vistas a partir de uma perspectiva contextual que considere, também, a visão dos sujeitos. Essa noção de práticas de linguagem se harmoniza, em diferentes graus, com a concepção funcionalista de língua e de gramática emergente, compreendida como adaptativa e dependente de contexto, que abriga tanto usos bem estabelecidos como usos inovadores.

Na articulação aqui delineada, a coexistência de velhos e novos usos linguísticos evoca a ideia de memórias coletivamente construídas a partir das experiências linguísticas dos indivíduos que firmam usos rotinizados que vão moldando e remoldando a gramática (BYBEE, 2006); e também de usos contingenciais, motivados por fatores pragmático-comunicativos e/ou socioestilísticos. Assim, usos inovadores podem indexar tanto significados funcionais como significados sociais e estilísticos, podendo esses últimos

80 Numa abordagem de interface sociofuncionalista, uma discussão sobre a dinâmica do significado social na gramaticalização é proposta por Gorski e Valle (inédito), considerando a noção de domínio social (em analogia a domínio funcional), segundo a qual os significados sociais, intimamente associados à noção de identidade e continuamente (re)construídos nas práticas discursivas, são vistos como dinâmicos, fluidos e multicamadas.

tornar-se ideologicamente iconizados, nos termos de Jaffe (2016) e de Gal e Irvine (2000).

Desse modo, assumimos uma visão de língua e gramática radicalmente contextualizada, tomadas como produto de práticas sociais que são temporal e espacialmente atualizadas nas práticas comunicativas dos sujeitos. Ao reconhecermos o lugar dos sujeitos tanto na reprodução de práticas comunicativas, como na inovação dessas práticas, validamos o papel da agentividade e da reflexividade nos usos linguísticos. Além disso, a dinâmica social – que inclui tanto lutas e reivindicações identitárias e sociais, como práticas rotinizadas e institucionalizadas (GIDDENS, 2004; HARDT; NEGRI, 2004) – é relevante, pois inscreve significados sociais, estilísticos e políticos nos usos linguísticos. A visão de gramática emergente adotada neste capítulo dialoga com tal processo semiótico – de natureza social, estilística e identitária – de produção dos sentidos.

Acreditamos que a concepção articulada de língua e gramática aqui exposta é relevante para a formação educacional, pois possibilita reflexões sobre a agentividade do sujeito e o funcionamento da língua em diálogo com uma compreensão situada, contextualizada e engajada de mundo. Os sujeitos, portanto, desempenham papel central, pois ao negociarem os sentidos em práticas comunicativas situadas, tanto atuam na reificação de usos estabilizados, como inscrevem usos inovadores na língua. Nesse contexto, usos linguísticos inovadores importam, pois eles sinalizam para modos de indexação de significados sociais, culturais e identitários na língua. Assim, se buscamos compreender a relação intrínseca entre dinâmica social e língua, entendemos que as práticas comunicativas são decisivas no surgimento de inovações – sociais, identitárias, políticas e linguísticas. Contudo, registre-se que a inovação não é um produto individual, mas uma ação coletiva e, portanto, política:

O domínio produtivo da comunicação, por fim, torna abundantemente claro que a inovação sempre ocorre necessariamente em comum. [...] Produzimos e inovamos juntos apenas em redes. Se há um ato de gênio, é o gênio da multidão (HARDT; NEGRI, 2004, p. 338)⁸¹.

81 No original: "The productive realm of communication, finally, makes it abundantly clear that innovation always necessarily takes place in common. [...] We produce and innovate together only in networks. If there is an act of genius, it is the genius of the multitude".

REFERÊNCIAS

- BYBEE, J. L. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language**, v. 82, n. 4, p. 711-733, 2006.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CANAGARAJAH, S. **Translingual practice. Global englishes and cosmopolitan relations**. New York: Routledge, 2013.
- DUNCKER, D. The notion of an integrated system. *In*: PABLÉ, A. (org.). **Critical Humanist Perspectives: The Integrational Turn in Philosophy of Language and Communication**. New York: Routledge, 2017. p. 135-153.
- FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity, 1992.
- GAL, S.; IRVINE, J. Language ideology and linguistic differentiation. *In*: KROSKRITY, P. V. (org.). **Regimes of Language**. Santa Fe, NM: School of American Research, 2000. p. 35-84.
- GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GIVÓN, T. **Bio-linguistics**. Philadelphia: J. Benjamins, 2002.
- GIVÓN, T. **English grammar: a function-based introduction**. Philadelphia: John Benjamins, 1993. v. 1.
- GIVÓN, T. **On understanding grammar**. ed. rev. Amsterdam: John Benjamins, 2018.
- GIVÓN, T. **Syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. v. I, II.
- GÖRSKI, E.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação gramaticalização. *In*: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (org.). **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola. 2017. p. 35-63.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. **A dinâmica do significado social na gramaticalização**: desafios para uma abordagem sociofuncionalista. (Inédito).

HARDT, M.; NEGRI, A. **Multitude**: war and democracy in the Age of Empire. New York: Penguin Press, 2004.

HARRIS, R. **Introduction to Integrational Linguistics**. Oxford: Pergamon, 1998.

HARRIS, R.; WOLF, G. **Integrational Linguistics**: a First Reader. Pergamon: Oxford, 1998.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **The genesis of grammar**: a reconstruction. New York: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, P. Emergent grammar. *In*: TOMASELLO, M. (org.). **The New Psychology of Language**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 155-175.

HOPPER, P. On some principles in the grammaticalization. *In*: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.) **Approaches to grammaticalization**: focus on theoretical and methodological issues. v. 1. Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 7-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

JAFFE, Alexandra. Indexicality, stance and fields in sociolinguistics. **Sociolinguistics**, p. 86-112, 2016. DOI:10.1017/cbo9781107449787.005.

PABLÉ, A. Three critical perspectives on the ontology of “language”. *In*: MAKONI, S.; VERITY, Deryn P.; KAIPER-MARQUEZ, Anna (org.). **Integrational Linguistics and Philosophy of Language in the Global South**. New York: Routledge, 2021. p. 30-47.

PENNYCOOK, A. **Critical Applied Linguistics: A Critical Reintroduction**. 2. ed. New York: Routledge, 2021.

PENNYCOOK, A. **Language as a Local Practice**. New York: Routledge, 2010.

SEVERO, C. G. Oralidade, prática social e política linguística. *Letra Magna*, ano 15, n. 24, ed. esp., p. 465-484, 2019.

TRAUGOTT, E. Constructions in Grammaticalization. *In*: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (ed.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. p. 624-647.

TRAUGOTT, E. C. From etymology to historical pragmatics. *In*: MINKOVA, D.; STOCKWELL, R. (ed.). **Studying the History of the English Language: Millennial perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002. p. 19-49.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization. *In*: LURAGHI, S.; BUBENIK, V. (ed.). **Continuum companion to historical linguistics**. London/New York: Continuum International Publishing Group, 2010. p. 269-283.

ZAVALA, V. Language as social practice: deconstructing boundaries in intercultural bilingual education. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 57, n. 3, p. 1313-1338, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8653255>. Acesso em: 8 jun. 2021.